

Uma visão cristã das festividades de Israel

Pr. Walter Santos Baptista

Hebreus 10.1-18

Apropriamo-nos do pensamento do filósofo judeu Abraham Heschel ao expressar que as civilizações pensavam e pensam em termos de espaço. Daí as grandes e esplêndidas construções que elas deixaram. Quem não se recorda de ter lido sobre as "Maravilhas do Mundo Antigo", entre elas: as pirâmides do Egito, o Colosso de Rodas, os jardins suspensos da Babilônia, o farol de Alexandria, a Grande Muralha da China. Em nossos dias, a Torre Eiffel em Paris, o Big Ben em Londres, a Estátua da Liberdade em Nova Iorque, e o Cristo Redentor no Rio de Janeiro nos impressionam.

E aí completa o filósofo dizendo que assim não procedeu o povo israelita. Em vez de levantar uma construção, um monumento em termos de espaço que poderia ser derrubado como tantos dos mencionados o foram, eles construíram "monumentos no tempo".

Que expressão linda! "Santuários de tempos", que são as grandes festas mencionadas na Bíblia: Pessach, Hag Shavuoth, Yom Kippur, Hag Sukkoth, ou seja, respectivamente, a Páscoa, a Festa das Semanas, o Dia do Perdão, a Festa dos Tabernáculos. Outro desses monumentos é o "dia de descanso", o Yom Shabbat, do qual devemos aprender o significado de repouso, de honra, de prazer e de alegria.

Mas, como cristãos, que visão temos dessas festividades e dias solenes judaicos? O Dr. J. Scott HORRELL descrevendo o fenômeno da igreja atual diz que "somos mais veterotestamentários do que neotestamentários em nosso pensamento sobre a igreja" É real. Distorções, desvios e muita imaturidade têm sido encontrados entre os grupos evangélicos, históricos alguns, neopentecostais na maioria.

Há uma absurda tendência de confundir a cultura judaica com a fé expressa na Palavra de Deus, admitindo como canônico, portanto, divinamente inspirado, tudo o que procede da cultura e do folclore israelitas. Recordamo-nos que num curso de hebraico moderno patrocinado pelo Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, em Salvador, onde havia pessoas de origem israelita e três ou quatro evangélicos, uma senhora, membro de igreja neocarismática, chegou ao ponto de chamar as judias, inclusive a professora, de "nossa irmã". Sim, pelo destino natural de cada ser humano; não, à luz da revelação em Cristo Jesus.

Isso é acorrentar-se aos "rudimentos fracos e pobres" de rituais e festividades que têm pleno cumprimento na Nova Aliança, a HaBerith haHadassah, mencionados por Paulo em Gálatas 4.9. Isso é distorção do foco espiritual, o que retrata uma má teologia da Nova Aliança. Aliás, há quem tenha mais facilidade de seguir o que diz o "apóstolo", o "bispo", o pastor, a pastora ou o pregador da televisão que o que ensina o Novo Testamento. No entanto, os estandartes hasteados no extraordinário movimento espiritual que foi a Reforma Protestante do século 16 (Sola Gratia, Sola Fide, Sola Scriptura, Solus Christu) convocam o povo de Deus a voltar à "fé que de uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3), à palavra de Deus "viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes" (Hb 4.12), à "doutrina que é segundo a piedade" (1Tm 6.3).

O fato é que igreja virou um tremendo empreendimento comercial. Demonizada há pouco tempo, hoje é cortejada pelos políticos e corretores de investimento que buscam o apoio dos "apóstolos" e "bispos" de todas as cores doutrinárias. O sucesso é medido pela capacidade de ganhar dinheiro, templos tornam-se shopping centers literal e metaforicamente falando; prestígio é afanosamente buscado. E a determinação paulina "Eu pela lei estou morto para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo, e já não vivo, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.19, 20) tornou-se em algumas personalidades "Não mais Cristo, mas meu narcisismo vive em mim".

É como diz SALINAS "Dentro do movimento evangélico observa-se o retorno a antigas, primitivas práticas, justificadas como bíblicas mas pertencentes a uma época quando a visão teológica de Israel era profundamente limitada e primitiva". Com isso, mexe-se com a soteriologia, e, mesmo com a escatologia. A experiência cultural deixa de ser "em espírito e em

verdade", teocêntrica, cristocêntrica para ser antropocêntrica e egocêntrica, porque interessa tão somente o que "eu vejo", o que "eu sinto" e o que "eu experimento".

O fato é que Deus tornou a história de Abraão altamente profética ao ligá-lo ao futuro de todos os povos. Cada acontecimento, cada evento, é uma semente, uma sombra, uma figura que amadurece, desabrocha, realiza-se na Nova Aliança. Isso quer dizer que natureza, história e graça de Deus se unem dando significado especial a cada festividade.

UMA LEITURA CRISTÃ DO ANTIGO TESTAMENTO

As festividades religiosas de Israel estavam ligadas às estações do ano agrícola. Eram celebradas na primavera, no começo do verão e no outono. A princípio, iam ao santuário local; do século 7º em diante, tornaram-se festas de peregrinação a Jerusalém. Na época de Jesus, Jerusalém que abrigava 40 mil habitantes passava a 150 mil peregrinos.

As festividades registradas em Levítico 23 são as seguintes:

- Yom Shabbat (Dia do Descanso);
- Pessach (Páscoa);
- Habikurim (Primícias);
- Hag Shavuoth (Semanas, Pentecoste);
- Yom Kippur (Dia do Perdão);
- Hag Sukkoth (Tabernáculos).

E porque todas essas festividades são memoriais, cada uma é cumprimentada com uma bênção especial: "Agradeço-te por nos ter mantido vivos e sãos, permitindo-nos apreciar essa época".

2. Yom Shabbath (Descanso)

A palavra hebraica shabbat é utilizada para uma série de conceitos:

- Para o sétimo dia da semana, o yom shabbat;
- Para a semana inteira, shabbat shanim (Lv 23.5);
- Para o ano sabático, realizado de sete em sete anos (cf. Lv 25.2, 8, 34, 35, 43).

Modernamente, a palavra shabbat é usada para designar "parada, cessação, pausa, repouso, descanso, desistência, interrupção", e, mesmo, "greve". Acrescente-se que a palavra Shabbathai, da mesma raiz, designava o planeta Saturno, cultuado no sétimo dia, o que é atestado em algumas línguas como o inglês "dia de Saturno", Saturday, em holandês, Zaterdag; em afrikaans, Saterdag.

Registra-se na Babilônia a palavra shapattu, o dia do meio do mês (lua cheia), considerado, porém, um dia funesto: médicos não tocavam uma pessoa enferma, sacerdotes não emitiam profecias, reis não comiam carne cozida nem usavam roupa limpa.

É considerado o Yom shabbat como a mais importante celebração judaica. Levando em conta o calendário lunar utilizado liturgicamente pelo judaísmo, começa o dia de repouso na sexta-feira com o surgimento da primeira estrela. Nesse instante, inicia-se a celebração com uma oração de ação de graças nos seguintes termos: "Bendito és Tu, Senhor, nosso Deus, Rei do universo, Que nos santificas com Teus mandamentos e ordens de acender as luzes do shabbat."

O falecido pastor presbiteriano, Dr. Alfred EDERSHEIM, ele mesmo judeu austríaco, reconhece o que ele chama de "intoleráveis regras a respeito do sábado". Diz que só poderão ser compreendidas à luz da Mishah e da Gemara, que compõem a obra de comentários rabínicos intitulada de Talmud. Na verdade, vinte capítulos no Talmud de Jerusalém (Talmud Yerushalmi) e vinte e quatro no Talmud da Babilônia (Talmud Babli) discutem regras absolutamente fúteis no seu entender. Basta dizer que um rabino gastou dois anos e meio estudando o capítulo referente a animais de carga. Discute-se, aliás, o que seja carga, o que se torna um verdadeiro peso. Jesus fala sobre isso quando diz:

"Os escribas e fariseus estão assentados na cadeira de Moisés. Portanto observai e fazei tudo

o que vos disserem. Mas não procedais de conformidade com as suas obras, pois dizem e não fazem. Atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem nos ombros dos homens; eles, porém, nem com o dedo querem movê-los" (Mt 23.2-4; cf. Lc 11.46).

Um exemplo desse fardo é não se constituir pecado recolher água da chuva diretamente do céu; entanto, se fosse tomada da parede pela qual escorria, seria pecado. A lei judaica proíbe dirigir no shabbat ou acender um fogão. Mas não proíbe mudar um móvel pesado dentro de casa.

Na verdade, o rabino Abraham Chill define trabalho (melakha) proibido como

"O conceito bíblico de melakha se aplica a trabalho que envolva a produção, criação ou transformação de um objeto. Alguém pode passar todo o shabbat abrindo e fechando um livro até cair de cansaço e não violar o shabbat. Por outro lado, o simples acender de um fósforo, só um, é uma profanação do shabbat porque envolve criação."

A Mishnah fala de trinta e nove trabalhos para os quais há uma interdição. Entre eles, arar, ceifar, assar bolo, tingir lã, tecer, dar permanentemente um nó, costurar, abater um animal, levantar ou demolir uma estrutura. São trinta e oito trabalhos proibidos nos quais se dá um ponto final a um serviço. O trigésimo nono proibido é carregar um objeto de um domínio particular a outro (dentro de casa ou da sinagoga, pode). Tudo o que é proibido usar no shabbat é também proibido de ser manejado: moedas, por exemplo.

Era proibido, ainda, acender e apagar candeeiro, cozinhar ovo, escrever duas letras, esfregar as mãos, andar mais que um certo número de passos (cf. At 1.12), e até prestar socorro a alguém que tivesse membros do corpo quebrados, curar, portanto. Era proibida a compra e venda de mercadorias (cf. Am 8.5), proibidas viagens (Is 58.13), chegando a elaborar quanto se podia caminhar no dia de descanso, no shabbat: 2.000 côvados, ou seja, aproximadamente 2.000 passos, O Livro dos Jubileus (1.8-12), literatura extracanônica, menciona que relações conjugais eram proibidas no Yom shabbat..

Contra esse tipo de mentalidade, Jesus Cristo reagiu por ter observado que haviam perdido a dimensão eterna pelas mesquinhas chamadas de religião! E, por essa razão, curou doentes no dia de descanso:

- curou um paralisado no poço de Betesda (Jo 5.1-18; cf. v. 9), razão porque foi duplamente chamado de herege (cf. v. 18);]
- curou um cego de nascença (Jo 9.1-7, 13,14,16);
- curou um homem de mão atrofiada (Mc 3.1-6; Lc 6.6-11);
- curou uma mulher com terrível problema na coluna (Lc 13.10-17),
- e permitiu, no dia do shabbath, atividades que eram proibidas pela Lei porque Ele é superior à Lei e Senhor da mesma. Era proibido colher trigo para a alimentação, no entanto, permitiu que as espigas fossem colhidas (Mc 2.23-28).

Os grupos mais radicais na observância do shabbat eram basicamente três: a escola do rabino Shammai, a seita dos essênios e os samaritanos. Shammai entendia as proibições e deveres não apenas para os seres humanos e animais, mas também para objetos inanimados. Não se podia começar o tingimento de lã ou linho se não desse tempo de colocar para secar. Os essênios nem ao sanitário iam?!

A outra escola, bem mais liberal, era a do rabino Hillel, que discutia com Shammai se um alfaiate podia ou não segurar uma agulha depois de iniciado o shabbat. Aliás, Hillel, diferentemente de Shammai, excluía as coisas inanimadas das proibições, e dava um "jeitinho" na questão do trabalho, sugerindo que se pagasse um gentio para terminá-lo.

Toda a Escritura valoriza o descanso, pois desde o seu primeiro livro aponta para o descanso de Deus (Gn 2.3), bem como para o livramento do Egito, pois, "Lembra-te de que foste servo na terra do Egito, e que o Senhor teu Deus te tirou dali com mão forte e braço estendido. Pelo que o Senhor teu Deus te ordenou que guardasses o repouso" (Dt 5.15).

Uma leitura cristã do shabbat aponta-nos para o perfeito repouso que é Jesus Cristo, o mesmo que pronunciou as confortadoras palavras:

"Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei [eu vos darei shabbat]. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis shabbat para as vossas almas" (Mt 11.28, 29).

Aliás, a preocupação de Jesus pelo bem-estar e conforto físico dos discípulos é algo enternecedor. Ao se retirar para Nazaré, Jesus envia Seus discípulos às vilas e aldeias do entorno daquela cidade dando-lhes autoridade sobre os demônios, o que efetivamente aconteceu (cf. Mc 6.12, 13). Ao retornarem (cf. vv. 30, 31), cansados porém alegres, relataram as bênçãos da missão designada, pelo que ouviram de Jesus o convite: "Vinde vós, aqui à parte, a um lugar deserto, e repousai um pouco". E a explicação: "Porque havia muitos que iam e vinham, e não tinham tempo para comer". Jesus os chama para um shabbat, uma pausa, um descanso.

É preciso encarar esse assunto em termos de tempo e de eternidade. Fixar-se num dia da semana é perder o senso da eternidade, mesmo porque nós não podemos doutrinar em cima de sombras do calendário (cf. Hb 10.1), o sábado temporal, e fazê-lo é perder a noção de que Jesus Cristo, Ele, sim, é o nosso shabbat, o nosso descanso, como mencionado em Hebreus 4.3: "Porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso, tal como disse: Assim jurei na minha ira: Não entrarão no meu descanso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo".

Percebe-se a importância e dignidade do ser humano, imagem do nosso Deus, semelhança do Criador. Percebe-se com absoluta clareza que a Lei e as suas instituições devem ser vistas à luz da eternidade. Realmente, a Carta aos Hebreus diz que a Lei é a sombra dos bens futuros, razão porque afirmamos que não se pode doutrinar em cima de sombras (cf. Hb 10.1).

Portanto, com a Nova Aliança, as figuras e sombras da Antiga Aliança caducaram, e com elas as festividades judaicas agora vislumbradas sob o ponto de vista cristão. Que diferença da alegria, da felicidade, da liberdade de se viver na Nova Aliança! Jesus nos libertou disso quando disse, "O shabbat foi feito por causa do ser humano, e não o ser humano por causa do shabbat " (Mc 2,27).

No Novo Testamento, as referências ao shabbat estão sempre em conexão aos judeus, tendo à frente o partido dos fariseus, ou em relação ao templo e às sinagogas. Mas com respeito ao Dia do Senhor, o primeiro dia da semana, as referências são sempre em relação a Jesus Cristo, ao Espírito Santo, à igreja e aos discípulos.

Recordemos que o fato culminante da vida e da obra de Cristo Jesus é a Ressurreição. Por ela, somos justificados, diz a Palavra de Deus (cf. Rm 4.25), somos regenerados (1Pe 1.3), e alcançamos uma boa consciência para com o Pai (1Pe 3.21). Sem a ressurreição, porém, seríamos uns iludidos, a nossa fé completamente vazia e continuaríamos em nossos pecados; os que morreram em Cristo estariam perdidos, e seríamos os mais infelizes, os mais miseráveis, os mais desgraçados de todos os homens! (1Co 15.17-19) Mas só se a ressurreição não tivesse acontecido!

E essa é aspiração maior, o realizado anseio dos crentes: sentir nos cultos, nas suas próprias reuniões, a presença de Jesus Cristo, nosso Salvador! É o que acontece quando no primeiro dia da semana, no Dia do Senhor, "reunimo-nos aqui para glorificar o rei Jesus", o Qual aponta para um descanso superior que é o livramento total e eterno conforme Hebreus 4.9 em diante.

3. Pessach (Páscoa)

As festividades a que todo Israel deveria comparecer eram três: Pessach, Shavuoth e Sukkoth. Pessach e a Hag Mazzoth, ou seja, a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos, são, rigorosamente falando, celebrações distintas, visto que a primeira é celebrada em 14 do mês de Nisã e a segunda a partir do dia seguinte até o 21. No entanto, elas se fundiram a ponto de serem consideradas uma só tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento conforme se pode verificar em Mateus 26.17; Marcos 14.12 e Lucas 22.1. Pessach é uma festa de cunho pastoril, enquanto Hag Mazzoth é uma celebração agrícola.

A informação sobre o Pessach nos vem de textos litúrgicos, de textos históricos e de documentos extrabíblicos. No primeiro caso, temos o registro do ritual da festividade em Êxodo 12, Números 28.16-25, Ezequiel 45.21-2; os calendários religiosos em Êxodo 23.15; 34. 18, 25; Deuteronômio 16.1-8; Levítico 23.5-8; e, ainda, a história de Números 9.1-14.

Com respeito aos textos históricos, o primeiro Pessach celebrado em Canaã encontra-se em Josué 5.10-12; as celebrações públicas no reinado de Salomão (2Cr 8.13); no tempo de Ezequias em 2Crônicas 30.15; a realizada na época de Josias em 2Reis 23.21-23 (2Cr 35.1-18); a celebração depois do Exílio em Esdras 6.19-22. Em relação aos documentos extrabíblicos, destaque-se um papiro e duas ostracas (pedaços de cerâmica escritos) da colônia judaica de Elefantina no Egito.

A palavra pessach, que tem o significado de "passagem", refere-se à passagem do anjo do Senhor (cf. Ex 12.23, 27) que isentou os lares hebreus da última das pragas lançadas sobre a terra do Egito.

A narrativa menciona o sacrifício de um cordeiro ou cabrito cevado sem defeito, macho de um ano, no dia 14 do mês de abibe ("espigas verdes" cf. Lv 23.15; Ex 13.4) como oferta pelo pecado (cf. Ex 12.2-6). Do Exílio em diante este mês passou a ser chamado nisã, segundo nos diz Neemias 2.1.

Inicialmente, Pessach era uma celebração doméstica. Na época de Jesus passou a ser uma grandiosa peregrinação a Jerusalém (cf. Ex 12; Js 5.10-12; Mc 14.1, 2).

Em relação à Festa dos Pães Asmos ou Sem Fermento, esta iguaria era preparada absolutamente sem fermento, razão porque é chamada de "pão de aflição" (cf. Dt 16.3) por causa da saída apressada do Egito (Ex 12.33ss). Na verdade, produtos de pão continuam sendo proibidos nos oito dias da festividade. Realiza-se uma faxina completa na casa de modo a tirar todo resquício de khametz (fermento). Modernamente, pessoas de alto poder aquisitivo, especialmente nos Estados Unidos e Canadá, preferem se hospedar num hotel ritualmente puro (conhecido em hebraico como kosher) durante a semana para evitar a sobrecarga e estresse trazidos pela intensa faxina doméstica.

O fato é que ao celebrarem esta festividade, no seder, os judeus proclamam que chegou a hora de todos os povos serem livres. O tradicional desejo é que em liberdade seja realizada "No ano que vem em Jerusalém!" (Leshana tovah beYerushalaim!). Hoje, judeus da linha reformada preferem exclamar, "No ano que vem que a humanidade seja livre!"

Ocorre que esse é um desejo que já encontrou cumprimento. Uma leitura evangélica nos ensina que, realmente, fomos libertos do Egito, da escravidão e do faraó. Em Cristo, "nosso pessach", "nossa páscoa" (cf. 1Co 5.7), fomos libertos do mundo, do qual o Egito é a metáfora, fomos remidos do pecado, do qual a escravidão é a figura, e fomos salvos do reino do maligno representado pela pessoa do faraó.

O evento correspondente ao Pessach na Nova Aliança é, portanto a Redenção. Na Antiga Aliança, o sangue de animais cobria os pecados. Este é o significado de kafer, "cobertura". No entanto, na Nova Aliança, o sangue de Jesus Cristo tira os pecados, purifica-nos, como esclarece a exclamação de João, o Batista ("Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo!", João 1.29), e a claríssima Primeira Carta de João ao dizer que "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1.7).

Como na páscoa judaica, todo fermento deve ser eliminado, visto ser o símbolo de corrupção, hipocrisia, pecado, e Jesus não hesitou em usar esta figura em Mateus 16.6 ("Cuidado, acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus", cf. Mc 8.15; Lc 12.1), bem como Paulo em 1Coríntios 5.7, 8. Uma leitura cristã observa a expressão de nossa comunhão com Cristo que começa coma redenção (João 6. 48, 51) e prossegue em santificação de vida (1Coríntios 5.6-8; Gálatas 5.9).

4. Hag haBikarim (Festa das Primícias)

Levítico 23.9-14 (cf. Dt 16.9-11) faz referência à Festa das Primícias, e menciona que um molho das primeiras espigas da colheita deve ser movido diante do Senhor. No Yom rishon, o primeiro dia da semana, um cordeiro de um ano sem defeito era oferecido em holocausto, ocorrendo, ainda, uma oferta de cereais e uma libação de vinho. As primícias pertenciam ao sacerdote. EDERSHEIM explica que a oferta das primícias, apropriadamente falando, pertencia à classe das contribuições religiosas e para caridade.

É sugestivo verificar que enquanto o povo levava as primícias, Jesus Cristo, primícia dos que dormem na expressão de Paulo, ressuscitou! Paulo faz essa referência em 1Coríntios 15.20, "Mas de fato Cristo ressurgiu dentre os mortos, e foi feito as primícias dos que dormem" (cf. Cl 1.18; Ap 1.5, 6; 14.4), o que significa que o evento correspondente à Hag haBikarim na Nova Aliança é a Ressurreição de Jesus Cristo.

5. Hag Shavuoth (Festa das Semanas ou de Pentecostes)

Considerada uma festividade de grande alegria e agradecimento pelas dádivas divinas nas colheitas, razão porque recebe igualmente o nome de "Festa da Colheita" (Hag haKatsir, cf. Ex 23.16) e "Festa das Primícias do Trigo" (Ex 34.22), seu mais detalhado registro é encontrado em Levítico 23.15-25 (cf. Dt 16.10), ocorrendo sete semanas a partir da Festa das Primícias.

No sétimo sábado, ofereciam-se cereais, dois pães preparados com farinha nova, com fermento (aliás, o único exemplo em que o uso do fermento é ritualmente prescrito), sete cordeiros de um ano sem defeito, os quais passarão a pertencer ao sacerdote (Dt 18.3, 4), um novilho, dois carneiros, e, em holocausto, um bode (oferta pelo pecado) e dois cordeiros de um ano como sacrifício de paz. O verso 22 regula que na colheita, as espigas caídas e os cantos do campo ficarão intocados destinando-se aos carentes e forasteiros.

É considerada como a festa do aniversário da Torah, renovação anual da Berith, a Aliança, a entrega da Lei dada no Sinai (cf. Ex 19.1, 11; 12.6, 12). Os manuscritos do Mar Morto confirmam a antigüidade desta atribuição (cf. 2Cr 15.10-15).

No entanto, segundo TELUSHKIN, na vida judaica esta festividade é considerada de meio luto, sem maiores detalhes sobre a razão deste pensamento, a não ser a referência feita pelo Talmud a uma praga no segundo século que teria morto 24 mil estudantes do rabino Akiva. Os judeus ortodoxos não cortam os cabelos ou celebram casamento durante o período. É feita a leitura do livro de Rute durante a sua celebração.

Uma releitura do ponto de vista cristão, verifica que como Pessach, esta festividade foi eventualmente relacionada com a história da salvação, e o evento que lhe corresponde na Nova Aliança é o derramamento do Espírito Santo em Jerusalém, cinqüenta dias após a ressurreição de Jesus Cristo por ocasião do Dia de Pentecostes (At 2.1; 20.16; 1Co 16.8).

6. Yom Kippur (Dia do Perdão)

O conceito básico desta solenidade é a reconciliação entre Deus e a pessoa humana, e as pessoas entre si. É considerada a maior das festividades judaicas e sua comemoração anual objetiva fazer a purificação dos pecados (cf. Lv 16.16, 30, 33; Nm 29.7-11; Ez 45.18-20).

No Yom Kippur apenas o Kohen haGadol, o sumo-sacerdote, oficiava com um traje especial. O Talmud chama esta data especial sugestiva e reduzidamente de "O Dia".

O relato bíblico menciona que dois bodes idênticos eram escolhidos, de modo que um era oferecido ao Senhor como oferta pelo pecado, e sobre o outro, a culpa de Israel era transferida pela imposição das mãos do sumo-sacerdote e levado ao deserto.

Era o Yom Kippur o único dia em que o sumo-sacerdote entrava no Kodosh haKadoshim, o Lugar Santíssimo, a câmara reservada do Tabernáculo e do Templo (cf. Lv 16.2; Ex 30.1). Levítico 23.27 regula o modo de celebrar: "afligireis as vossas almas", que tem sido interpretado como um dia de grande jejum.

O bode denominado de "emissário" era conduzido para o deserto ("terra solitária, cf. Lv 16.22a) por um homem responsável para fazê-lo (v. 21b). De Jerusalém ao começo do deserto distava aproximadamente 16 km, havendo dez paradas. Em cada uma, ficava uma ou mais pessoas para assistir o encarregado da condução do animal e acompanhá-lo até a parada seguinte.

Ao chegarem ao deserto, o responsável levava sozinho o bode até um precipício, onde o empurrava no abismo, e voltava. Como estava considerado trefah (impuro), ficava na última parada onde passava o resto do dia e a noite.

Sinalizava-se com bandeiras notificando que o bode tinha cumprido sua missão. Este animal recebia o nome de Azazel, conforme Levítico 16.8, palavra traduzida nas Escrituras como (1) "bode emissário", embora haja diversas interpretações.

(2) Idéia apresentada na versão siríaca das Escrituras Hebraicas é que Azazel seria o nome de um demônio do deserto levando em conta que azaz é "ser forte" e el, Deus. Tal opinião leva em conta que desertos, cemitérios, ruínas eram local de habitação de demônios (Is 13.21; 34.14; Mt 12.43; Mc 5.3).

(3) Por redução, Satanás, opinião esposada pelos adventistas.

(4) Sugere-se "a fim de remover" como significado básico sugerido pela raiz árabe azala cuja significação é "remover".

(5) Outra sugestão é significar uma região desolada (cf. Lv 26.22).

(6) E, por fim, o falecido erudito Roland DE VAUX sugere que a palavra faria referência a precipício, despenhadeiro, o lugar para onde o animal era levado.

Nos dias atuais, o Yom Kippur continua vivo. Na véspera, nas sinagogas, canta-se o Kol Nidreh título dado pelas primeiras palavras desta pungente canção e que quer dizer "Todas as promessas", quando se pede que seja o suplicante liberado de todas as promessas feitas e não cumpridas. Desse momento até o culto final, a Nehilah, ou seja, "Conclusão", todos a partir dos treze anos entram em absoluto e obrigatório jejum, que tem início uma hora antes do feriado se iniciar.

São vinte e cinco horas de meditação, exame de consciência, arrependimento e pedido de perdão a Deus pelos pecados e transgressões do ano anterior. Não bebem qualquer líquido ou tomam banho e nada de intimidades conjugais. Não se pode usar sapatos de couro, que é para diminuir o conforto nesse dia de profunda reflexão. Crianças abaixo de nove anos não jejuam; de nove aos onze para as meninas e aos doze para os meninos, recebem as principais refeições. Dos doze anos para as meninas, e dos treze para os meninos em diante o jejum é obrigatório. À tarde, é lido o livro do profeta Jonas.

A tradição vê o Yom Kippur como o dia em que Deus decide o destino de cada ser humano. O povo ora intensamente uma prece que fala do "fechamento das portas do céu", esperando ser admitido na presença de Deus. O toque do shofar, a trombeta de chifre de carneiro encerra as atividades, e, como expressa o rabino Joseph TELUSHKIN, "O povo experimenta uma grande catarse".

Uma leitura cristã evangélica desta festividade considerada pelos judeus como um dos "dias de terror" demonstra com meridiana clareza que tudo era e continua sendo imperfeito, em nada melhorando a condição do cultuante. EDERSHEIM, um judeu convertido como mencionado, chega a dizer "A Lei não faz nada perfeito". Isso significa não ter um mediador perfeito no seu sacerdote, não ter uma expiação perfeita no sacrifício, não ter um perdão perfeito como resultado do trabalho conjunto do sacerdote e da oferenda. E, deste modo, a Carta aos Hebreus esclarece em 10.1 que,

A lei, tendo a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam ao culto".

E também,

"O Espírito Santo mostra-nos assim que, enquanto permanecer de pé o primeiro santuário, o caminho que leva ao verdadeiro santuário ainda não está aberto. O primeiro santuário é apenas uma imagem com referência ao tempo de hoje. Significa que as ofertas e os sacrifícios de animais oferecidos a Deus não são capazes de tornar verdadeiramente perfeitos aqueles que os oferecem" (Hb 9.8, 9).

Não é necessário muito esforço mental para entender que "é impossível que sangue de touros e de bodes tire os pecados" (Hb 10.4). Ou, modernamente, viver na aflição de pedir que o nome seja escrito no Livro da Vida multiplicando a solenidade ano após ano, razão porque lemos com alegria, esperança e fé, "(pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma), e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual chegamos a Deus" (Hb 7.19).

Verifica-se que o Yom Kippur, o Dia da Expição, encontra o seu lado concreto no Calvário (Hb 2.17) porque esta solene festa judaica, um dos chamados "dias terríveis" é só uma sombra da tarde de horror no Calvário projetada.

7. Hag Sukkoth (Festa dos Tabernáculos)

"A mais alegre de todas as festas do povo israelita era a Festa dos Tabernáculos", assim se expressa EDERSHEIM. Celebra o fim das colheitas (cf. Ex 23.16). Realmente: as colheitas estavam nos celeiros; os frutos, recolhidos; a terra aguardava as chuvas para novamente ser preparada. Portanto, é tempo de agradecer a Deus.

Hag Sukkoth, festividade eminentemente agrícola (cf. Lv. 23.29), é realizada no dia 15 do mês de Tishri ou Ethanim, o sétimo do calendário hebreu. É também chamada de Festa das Colheitas (Hag haKatsir, cf. Ex 23.16; 34.22); Festa das Cabanas, das Tendas ou dos Tabernáculos (Lv 33.34, 43; Dt 16.13, 16; 31.10; 2Cr 8.13; Ed 3.4); e, simplesmente, A Festa (1Rs 8.2; 2Cr 5.3; 7.8,9).

Comemora a época quando Israel vivia em tendas. Por isso, constroem-se até hoje cabanas como um memorial durante o período de oito dias (Lv 23.43, 44). Na sua celebração, seguindo o padrão expresso em Levítico 23.40, tomam-se "o fruto da árvore formosa (etrog), palmas de palmeira, e ramos de murta e de salgueiro de ribeiras". Etróg é um fruto cítrico, as folhas de palmeiras com aproximadamente três palmos formam o lulav, três são os ramos de murta e dois os de salgueiro.

As ofertas pelo pecado, que eram bodes, eram feitas cada dia por sete dias. As ofertas queimadas igualmente por sete dias do seguinte modo: no primeiro dia, 13 bezerras; no segundo dia, 12 bezerras; no terceiro dia, 11 bezerras decrescendo um animal a cada dia até o sétimo. As ofertas de bebidas ou libações (cf. Nm 15.1-10) eram de aproximadamente 1,½l de vinho para cada cordeiro;

2l de vinho para cada carneiro,

3 l de vinho para cada bezerro.

As ofertas de manjar descritas em Números 29.12ss eram de aproximadamente 3,7l de farinha misturada com 1½l de óleo para cada cordeiro;

7½l de farinha com 6l de óleo para cada carneiro;

10l de farinha com 3l de óleo para cada bezerro.

Ao todo, 70 bezerras, 14 carneiros e 98 cordeiros.

É curioso e sugestivo lembrar que o Templo de Salomão foi inaugurado durante a Festa dos Tabernáculos (1Rs 8.2; 2Cr 5.3).

O olhar cristão para esta festividade da Antiga Aliança revela-nos a bendita realidade de que Deus armou o Seu próprio Tabernáculo entre nós. O Evangelho de João registra que o Deus tabernaculou, "armou Sua tenda", habitou no nosso meio. Traz uma importante lição a aparente coincidência das raízes hebraica e helênica da palavra shekinah, a presença plena da glória de Deus no meio do seu povo, e a palavra skinê que significa "tabernacular" de acordo com João 1.14 (cf. Ap 7.15).

Como as outras festividades, a Festa dos Tabernáculos demonstra um alto significado na Nova Aliança por ser figura e sombra da casa espiritual na qual o Senhor e o Seu Espírito habitam em nós (cf. Hb 3.5, 6).

CONCLUSÃO

Até parece que a Antiga Aliança era só alegria. Na verdade, a Nova Aliança é, sobretudo, otimista e alegre. Lucas 2.10, 11 registra o primeiro sermão de Natal e fala de "novas de grande alegria".

Os testemunhos dos setenta enviados eram dados com grande alegria porque os demônios se submetiam à autoridade da Palavra (Mt 28.8). Os discípulos foram tomados de alegria pela ressurreição de Jesus, apesar de terem ficado no quase paradoxo de não acreditarem no que viam (Lc 24.41). Em Samaria, consigna o livro dos Atos dos Apóstolos, alegraram-se por causa dos sinais do reino de Deus (8.6-9).

Paulo enfatizou que "o reino de Deus é... alegria no Espírito Santo (Rm 14.17). Aos gálatas, Paulo disse que guardar os deveres e festividades do Antigo Testamento significava um retorno a rudimentos, ao leiteiro dos primeiros meses de vida, como bem o declara a sua Carta em 4.8-11.

Em muitas ocasiões, O Senhor declarou a rejeição dessas festas:

"Não continueis a trazer ofertas vãs! O incenso é para mim abominação, e também as luas novas, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade, nem o ajuntamento solene. As vossas luas novas, e as vossas solenidades, a minha alma as aborrece. Já me são pesadas; estou cansado de as sofrer. Pelo que, quando estendeis as vossas mãos, escondo de vós os meus olhos; sim, quando multiplicais as vossas orações, não as ouço" (Is 1.13-15; cf. 29.13);

"Quando jejuarem, não ouvirei o seu clamor; quando oferecerem holocaustos e ofertas de cereais, não me agradarei deles" (Jr 14.12a; cf. Mq 3.4; 6.6, 7).

Oséias, o profeta, vai predizer no capítulo 2.11 que todas essas solenidades serão abolidas. "Também farei cessar todo o seu gozo, as suas festas, as suas luas novas, e os seus sábados, e todas as suas assembléias solenes".

Com a Nova Aliança, não estamos mais presos ao tempo, mas, sim, abençoadamente ligados à eternidade pelo sangue de nosso Senhor Jesus Cristo. E o apóstolo Paulo o afirma:

"Ninguém, pois, vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa de dias de festa, ou de lua nova, ou de sábados, que são sombras das coisas vindouras, mas o corpo de Cristo" (Cl 2.16,17).

No pão do Pessach, cognominado de "pão da aflição", a Nova Aliança vê diferentemente porque nele reside uma indescritível bem-aventurança, visto que Jesus Cristo o transforma em "pão da alegria" ao estabelecer a Ceia Memorial.

Na realidade, o evangelho é, no dizer de Paulo e de Pedro, "pedra de tropeço e uma rocha de escândalo" (Rm 9.33; 1Pe 2.8). O evangelho perturba, choca, transforma, confronta, inquieta, convence do pecado e abate o orgulho humano. Se isso não acontece, é outro ou nenhum evangelho, mas, seguramente, não é o evangelho do Calvário.

Esse nos liberta. Por ele e por causa dele podemos afirmar com o Apóstolo, "Cristo nos libertou para que sejamos de fato livres. Estai, pois, firmes e não torneis a colocar-vos debaixo do jugo da escravidão" (Gl 5.1).

NOTAS

1 HORRELL, p. 9.

2 Cf. DE VAUX, p. 476.

3 Cf. EDERSHEIM, Festas de Israel, p. 159.

4 Cf. TELUSHKIN, p. 599.

5 Entre 800 e 900 m (cf. Ex 16.29; At 1.12).

6 O significado de nisã é "abertura". Este é o primeiro mês do ano civil hebraico (cf. Ex 12.2).

7 Também traduzido literalmente como "Santo dos Santos".

8 Cf. p. 509.

9 Cf. Festas de Israel, p. 117.

10 O Novo Testamento - tradução em português moderno. Lisboa, Sociedade Bíblica, 1978.

11 Festas de Israel, p. 83.

12 Cf. MELAMED (Org.).

BIBLIOGRAFIA

- BASS, Paul. "Saturn Rising: Shmully Hecht builds a real estate empire". Em: www.shmais.com/chabad_Detail.cfm?ID=383
- BOAS, Bernard. "Festas do Calendário Judaico". Em: www.icrelations.net/portuques/festas.htm DE VAUX, Roland. Ancient Israel. Vol. 2. NY, McGraw-Hill, 1965.
- EDERSHEIM, Alfred. Festas de Israel. SP, União Cultural Editora, s.d. Trad. J. Goulart.
- _____. The Temple - its ministry and services. 4a impr., ed. atualizada. Peabody, Hendrickson, 1998.
- FERRAZ, Luiz Antonio. "Festas judaicas". Em: www.geocities.com/Athens/5898/Festas.htm HORRELL, J. Scott. "A Essência da Igreja". Em HORRELL, J. Scott (Org.). Ultrapassando Barreiras. Rio, Vida Nova, 1994., pp. 7-28.
- MACARTHUR JR., John F. Com Vergonha do Evangelho. São José dos Campos, Fiel, 1997. Trad. E. Pasquini.
- MELAMED, Meir Matzliah (Org.). A Lei de Moisés e as "Haftarot". 5ª ed. SP, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, 1989.
- OTTO, Eckart e SCHRAMM, Tim. Festival and Joy. Nashville, Abingdon, 1980. Trad. J. L. Blevins.
- RENCKENS, H. A Religião de Israel. Petrópolis, Vozes, 1969. Trad. G. Crijns.
- RODRIGUES, Nicolau A. Lendas Hebraicas. Rio, CPB, 1926.
- ROMEIRO, Paulo. Evangélicos em Crise. SP, Mundo Cristão, 1996.
- SALINAS, Daniel. "O Jardim das Pluralidades". Em: SALINAS, Daniel e ESCOBAR, Samuel. Pós-Modernidade: novos desafios à fé cristã. SP, ABU, 1999. M.A. Andrade, pp. 7-54.
- "Saturn". Em: www.companionsoftheglyph.org/heptarchy/saturnus.htm SCHMIDT, Werner H. The Faith of the Old Testament. Philadelphia, Westminster, 1983. Trad. J. Blevins.
- TELUSHKIN, Joseph. Jewish Literacy. NY, William Morrow and Co., 1991.
- TIPPIT, Sammy. Digno de Adoração. Deerfield, Vida, 1992.
- VAN SELMS, A. "Azazel". Em: DOUGLAS, J. D. et al. (Orgs.). O Novo Dicionário da Bíblia. Vol. I. SP, Junta Editorial Cristã, 1966. Trad. J. Bentes, p. 174.
- [Conferência proferida no Congresso Bíblico-Doutrinário do Amazonas, realizado em Manaus, 27 a 29 de novembro de 2002]

Pr. Walter Santos Baptista Igreja Batista Sião Salvador, BA
E-Mail: baptista@batista.org.br